

# DE VOLTA AO CENÁRIO DE UMA TRAGÉDIA

**Alverina Augusta de Oliveira, 64, é sobrevivente de uma das maiores tragédias já vistas no Estado. Na madrugada de 14 de janeiro de 1985, uma forte chuva provocou o deslizamento de uma pedra de 150 toneladas, deixando 150 feridos e 40 mortos - 12 faziam parte da família da ex-faxineira. O cenário foi o Morro do Macaco, região do Alto Tabuazeiro, em Vitória, local que, 18 anos depois, ainda serve de morada para a aposentada. Todo esse drama foi retratado em páginas que marcaram a história do Espírito Santo, do jornalismo capixaba e de A GAZETA.**



**Muitos dos 40 corpos - a maioria de crianças - nunca foram encontrados**

BERNARDO COUTINHO

FREDERICO GOULART  
fgoulart@redgazeta.com.br

“Oito dias antes da pedra desmoronar, alguma luz me indicou o caminho para fora daquela casa. Só pode ter sido coisa de Deus. Já morava no Morro do Macaco, com marido e quatro filhas, havia três anos. Foi aquele o morro que me acolheu depois que vim de Resplendor, Minas Gerais, acompanhar meu marido, que havia arrumado um emprego de vigia.

Depois daquele sinal, sai dali em dois dias. Fui para o outro lado do mesmo morro, em uma parte mais baixa, onde aluguei outra casa. Implorei que minha irmã Nelita, que tinha 40 anos, me acompanhasse. Ela era minha vizinha. Mas nada a convencia. Dizia que, se fosse para morrer, morreria dentro de seu lar.

Cada vez que chovia era um terror. A água descia



**Quase 30 anos após o deslizamento, Alverina continua morando com a família no Morro do Macaco**

levando tudo o que via pela frente. Era tudo barraco de madeira e eu não entendia como tudo continuava de pé.

No dia que a pedra rolou, não sobrou nada. No local onde minha irmã vivia, só três das 15 pessoas

se salvaram: meu cunhado e dois sobrinhos. Dos mortos, só a minha irmã, que veio para Vitória me acompanhar, tinha mais idade, uns 40 anos. Os outros eram crianças, filhos e netos dela. O mais velho tinha 12 anos.

Não cheguei a ver todos os corpos porque não deixaram. Reconheci apenas dois sobrinhos. O resto continua lá, embaixo da terra, até hoje. Isso ainda aperta o meu coração. Assim como acontece toda vez em que eu vejo parte da pedra, que

continua lá no alto.

Depois de tudo, passei um ano morando na casa de minha sogra, em São Torquato, Vila Velha. Fiquei tomando remédio controlado por muito tempo para aguentar a dor. Mas não dava para ficar na

“Não cheguei a ver todos os corpos porque não deixaram. Reconheci dois sobrinhos. O resto continua lá, embaixo da terra, até hoje”

casa dos outros. Também não tinha dinheiro para arrumar uma casa em outro lugar. Voltei, então, para o Morro do Macaco.

O bairro continua largo. Parece que não existe. Só é lembrado na hora da eleição. Vivo com duas filhas, e suas famílias, em uma casa de dois quartos, sala e uma cozinha. Bem mais seguro. Mas toda vez que chove, o medo volta. Consegui me estabelecer trabalhando como faxineira. E é estar perto de minha família o que me deixa feliz.

